

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.14>

Marcas da pessoa em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior

Marks of the person in Torto arado, by Itamar Vieira Junior

Eliseu Demari¹
Sergio Nunes Lopes²

Resumo: Este trabalho aborda como ocorre o processo enunciativo na obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, a qual se utiliza de diferentes narradores. O objetivo é identificar as marcas da enunciação da categoria de pessoa que demarcam a subjetividade da linguagem na narrativa, bem como observar os recursos linguísticos que são utilizados pelo enunciador na relação com o enunciatário. Para tanto, são analisados os mecanismos de embreagem e debreagem actancial que produzem efeitos de sentido de proximidade entre os interlocutores. Conclui-se que a instalação de marcas de categoria de pessoa nos textos realiza efeitos de sentido que promovem a proximidade entre os interlocutores.

Palavras-chave: Enunciação. Debreagem. Subjetividade. Interlocutores. Torto arado.

Abstract: This paper discusses how the enunciative process occurs in *Torto Arado*, a literary work authored by Itamar Vieira Junior, which uses different narrators. The goal is to identify the enunciative marks of the person category that delimit the subjectivity of language in the narrative, as well as observe the linguistic resources that are used by the enunciator in relation to the enunciatee. To do so, the actantial shifting mechanisms that produce proximity meaning effects between interlocutors are analyzed. It is concluded that the installation of the person category's marks in texts creates meaning effects that promote proximity between interlocutors.

Keywords: Enunciation. Shifting out. Subjectivity. Interlocutors. Torto arado.

¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

Introdução

Torto arado (2019)³ é o romance de estreia de Itamar Vieira Junior, obra que obteve a atenção do público, alcançou importantes espaços na imprensa e recebeu os prêmios Leya de Literatura (2018), Jabuti (2019) e Oceanos de Literatura (2019). O livro apresenta uma trama sobre trabalhadores do campo negros que vivem vidas marcadas pelo estigma do passado escravocrata do Brasil. A história é dividida em três partes, cada qual narrada por uma voz distinta. Esses três narradores demarcam-se como locutores a partir de mecanismos que podem ser observados a partir dos estudos da enunciação. Além de se apropriarem da língua – utilizando a primeira pessoa –, eles se estabelecem por meio de outros pressupostos que os distinguem, criam instâncias enunciativas e efeitos de sentido visando a um alocutário⁴.

Verificar as marcas linguísticas próprias do processo enunciativo entre narradores distintos em uma mesma obra é o objetivo deste trabalho. Para tanto, buscamos como principal embasamento a noção de subjetividade de Émile Benveniste, a qual determina que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; sobretudo a formulação de que a subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como sujeito. A teoria da subjetividade na linguagem de Benveniste permite a compreensão sobre como se dão as relações entre interlocutores, de modo que podemos observar, por exemplo, efeitos de objetividade ou intimidade no texto.

Procuramos especificar e detalhar como a categoria de pessoa é operada em *Torto arado*, de modo a conduzir compreensões sobre as

³ O romance foi originalmente publicado em Portugal (2018), pela editora Leya, após vencer o prêmio de mesmo nome, e publicado no Brasil no ano seguinte pela editora Todavia.

⁴ “a alocução é o tempo durante o qual um alocutário dado assume a forma “eu” diante de um “tu” (DUFOR, 2000, p. 75).

funções dos diferentes narradores e/ou observadores no que se refere ao foco narrativo adotado em cada caso.

A contribuição de José Luiz Fiorin (2016) para este estudo, por sua vez, se dá no aprofundamento de mecanismos de instauração da pessoa na enunciação e principalmente sobre a classificação do sujeito, o que permite se observar a diversidade na produção de sentido a partir da instância de pessoa⁵.

Referencial teórico

Ao enunciar, explica Benveniste (1989) na obra *Problemas de Linguística Geral II*, o locutor implanta um interlocutor, o outro, o tu, determinando, também, a intersubjetividade na língua: “Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu” (1989, p. 286). Os sujeitos enunciados (eu) assumem a palavra, mobilizam a língua ao dizer eu e a enunciam a partir desta posição (eu). A partir de análises freudianas, Benveniste (1995) também afirma que “[...] percebeu-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para ‘reapresentar-se’ a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o ‘outro’ para comprovar” (1995, p. 80). Este outro, ainda de acordo com Benveniste, é alguém que compartilha da mesma língua e do repertório de formas, sintaxe e conteúdos, e a consciência de si próprio se dá pelo contraste entre o eu e o tu. “Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1995, p. 278).

O locutor enunciado instaura uma instância do discurso e cada instância do discurso constitui um centro de referência interno. A interligação deste eu discursivo ao tu é realizada por “indicadores”, tais como pronomes, advérbios e locuções adverbiais. Ess

⁵ Lima (2014) trabalha “Marcas da enunciação no gênero notícia”, servindo de subsídio para que este trabalho adapte a proposta especificando-se no olhar sobre a pessoa como parte da enunciação.

explica Benveniste (1995), não se direcionam ao tempo real e ao espaço real, mas à enunciação, que é única, que se dá no presente.

Para a análise de um texto conforme a teoria da enunciação, levamos em consideração que o sujeito pode deixar marcas de sua presença ou realizar o discurso mesmo sem se fazer presente, configurando textos com efeito de sentido de objetividade ou subjetividade. Benveniste (1995, p. 286) ensina que a subjetividade na linguagem é fundamentada pelo papel dos interlocutores – noção de pessoa –, pelo espaço, pelo tempo; bem como presença do eu, aqui, agora. O espaço (aqui) e o tempo (agora) existem por causa do eu, dependem do sujeito que se estabelece no discurso.

Émile Benveniste aborda outro importante mecanismo ao refletir sobre a pessoa que fala (eu), a com quem se fala (tu) e a de quem se fala (ele), observando a oposição entre eu/tu e ele⁶, que distingue em conceitos de pessoa e não pessoa, respectivamente.⁷ Valdir do Nascimento Flores avança nesta compreensão:

A enunciação permite traçar, via oposição, a diferença entre as três “pessoas”: “eu” e “tu” são pessoa, “ele” não é pessoa (1ª oposição); no interior da noção de pessoa há uma diferença entre “eu” e “tu” (2ª oposição). A primeira oposição estabelece uma correlação de personalidade, que opõe as pessoas “eu” e “tu” à não pessoa “ele”; a segunda oposição estabelece uma correlação de subjetividade, que opõe a pessoa subjetiva “eu” à pessoa não subjetiva “tu” (FLORES, 2019, p. 162).

⁶ Conforme o Dicionário de linguística da enunciação (2009), o ele é a “face objetiva da língua” e “modo de enunciação possível para instâncias não pessoais” e que “na língua, tudo o que não é do domínio de eu-tu, pertence ao domínio do ele, da não pessoa” (FLORES V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.; TEIXEIRA, M., 2009, p. 174).

⁷ Trata-se de um conjunto de reflexões de Benveniste escritas entre os anos 1940 e 1960. As principais podem ser verificadas em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *As relações de tempo no verbo francês* (1959), *A linguagem e a experiência humana* (1965) e *Estrutura da língua estrutura da sociedade* (1968).

Benveniste indica um “aparelho de funções” que pode ser observado a partir da ação do enunciador. Em primeiro lugar, há “a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento de dupla entrada” (BENVENISTE, 1989, p. 86); seguida por “termos ou formas que denominamos de intimação: ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro” (BENVENISTE, 1989, p. 86); e também pela asserção, que “visa a comunicar uma certeza”, como “as palavras sim e não afirmando positivamente ou negativamente uma proposição” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Ele também acrescenta que:

Todos os tipos de modalidades formais, uns pertencentes aos verbos, como os “modos” (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros à fraseologia (“talvez”, “sem dúvida”, “provavelmente”) e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção (BENVENISTE, 1989, p. 87).

A análise da enunciação por Benveniste (1989) também ressalta a “acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (1989, p. 87). Neste ponto, o autor passa a se dedicar ao quadro figurativo da enunciação para distinguir atos de locutor e alocutário na estrutura do diálogo, quando parceiros assumem posições de protagonismo alternadamente, e de “monólogo”, que “procede claramente da enunciação” (1989, p. 87), como “um diálogo interiorizado, formulado em ‘linguagem anterior’, entre um locutor e um eu ouvinte” (1989, p. 87). E acresce que: “Às vezes o *eu locutor* é o *único a falar*; o *eu ouvinte* permanece *entretanto presente*; sua *presença* é *necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor*” (BENVENISTE, 1989, p. 87-88).

Além disso, os mecanismos responsáveis pela instauração da pessoa e pela significação dos discursos dos sujeitos que são objeto deste trabalho são pinçados de classificação formulada por José Luiz Fiorin (2016). Segundo ele, a instalação da pessoa no enunciado pressupõe a instalação de um ator do discurso e esta “actorialização é um dos componentes da discursivização e constitui-se por operações combinadas que se dão tanto no componente sintático quanto no semântico do discurso” (FIORIN, 2016, p. 51). Entre os mecanismos pelos quais se opera o discurso, ensina o autor, estão debreagens e embreagens. Tratam-se de níveis por onde transitam os actantes enunciador e enunciatário ou sujeitos diretamente delegados, como narrador e narratário. Os turnos de fala na enunciação são delimitados entre dois tipos distintos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. “A primeira é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação (eu/tu) [...], a segunda é aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele)” (FIORIN, 2016, p. 38).

Amparando-se em conceitos de Greimas e Courtés, Fiorin (2016, p. 39) ensina que quando os elementos enunciativos eu (pessoa), aqui (espaço) e agora (tempo) se projetam no texto, se produzem os efeitos de subjetividade (debreagem enunciativa), ao passo que quando essas marcas não constam no texto ocorrem efeitos de objetividade (debreagem enunciva). Também trata do estabelecimento de uma segunda debreagem, interna, subordinativa, que acontece quando um narrador em primeira pessoa delega a voz a um interlocutor, conferindo “um efeito de sentido de realidade, pois parece que a própria personagem é quem toma a palavra e, assim, o que ouvimos é exatamente o que ela disse” (FIORIN, 2016, p. 40). Já as embreagens ocorrem quando, por exemplo, a pessoa eu se neutraliza pelo ele. É o falar em terceira pessoa.

Fiorin ainda propõe a classificação do sujeito, que permite observar a diversidade na produção de sentido a partir da instância de pessoa como pessoa demarcada, multiplicada, transformada, subvertida, transbordada e desdobrada.

Quadro 1 – Classificação do sujeito conforme Fiorin (2016).

Sujeito	Síntese
Pessoa demarcada	Constitui-se a partir de marcas que a distinguem sob correlações de personalidade ou subjetividade.
Pessoa multiplicada	Trata do dialogismo e da polifonia, “ou seja, do fato de que sob as palavras de alguém ressoa a voz de outrem” (FIORIN, 2016, p. 53).
Pessoa transformada	Estuda a pessoa do discurso reportado, “a citação pelo narrador do discurso de outrem” (FIORIN, 2016, p. 63), realizada por meio de discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.
Pessoa subvertida	“Consiste na neutralização de oposições no interior da categoria de pessoa” (FIORIN, 2016, p. 74), realizada quando uma pessoa emprega o valor de outras.
Pessoa transbordada	Quando a enunciação instala o <i>eu</i> e o <i>tu</i> como complementos dativos.
Pessoa desdobrada	Considera três aspectos: “A delegação da ‘voz’, a organização do saber e a relação entre os papéis do discurso e da narrativa (1988: 84)” (FIORIN, 2016, p. 91).

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Fiorin (2016).

Sempre em *Problemas de Linguística Geral II*, Benveniste diz que muitos outros desdobramentos podem ser verificados no contexto da enunciação, como a observação de formas temporais em relação ao centro da enunciação no paradigma inteiro, por exemplo, mas delimitamos aqueles aqui elencados para respaldar as análises. A aplicação deste estudo se deu com excertos da obra *Torto arado* sobre os quais serão identificados alguns dos aspectos teóricos até aqui trabalhados.

Metodologia

Estabelecida a base teórica, procuramos delimitar uma base metodológica para embasar análises de texto a partir da aplicação dos conceitos elencados e sobretudo dos mecanismos que apontam a demarcação da pessoa na enunciação.

Parte-se do texto para se recuperar a situação de enunciação. Como clama o objetivo da pesquisa, buscamos no objeto oportunidades em que a categoria de pessoa na enunciação pudesse ser analisada sob diferentes perspectivas e classificações. A análise do corpus se dá principalmente pela identificação, portanto, de mecanismos de debreagem e embreagem actancial e classificação do sujeito.

Os trechos de *Torto arado* que selecionamos para analisar à luz dos estudos de Benveniste (1989) e Fiorin (2016) passam ao longo das três partes da obra; ou seja, perpassam três narradoras: as irmãs Bibiana e Belonísia e Santa Rita Pescadeira, uma entidade do jarê – religião praticada na região da Chapada Diamantina (Bahia). Ressaltamos que a análise do corpus é realizada sobretudo pela observação de mecanismos de estabelecimento de um sujeito enunciador e locutor em direção a um interlocutor enunciatário.

Primeiramente, para fins de compreensão das análises seguintes, observamos como se dá a identificação das narradoras.

No capítulo I da primeira parte da obra (*Fio de corte*), o narrador refere-se a “Minha irmã, Belonísia” e logo coloca: “Falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 13), denotando ser Bibiana a narradora. Esta conta a passagem do acidente em que Belonísia teve a própria língua mutilada por uma faca. Bibiana, portanto, conduz a narrativa da página 13 à página 87.

Na segunda parte, a narradora alude àquela ocorrência dizendo: “A faca que num impulso retirei da boca de Bibiana para repetir o gesto” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 91). Essa posição aponta, portanto, Belonísia na locução, a partir da página 91 até a página 199. Belonísia carrega o trauma do acidente distanciando-se momentaneamente da irmã e da família. Ao se casar com Tobias, ela resume-se à vida possível daquele contexto, enquanto que Bibiana vai para a cidade em busca de alternativas.

Na terceira parte (Rio de sangue) a narrativa inicia com: “Meu cavalo morreu e não tenho mais montaria para caminhar como devo, da forma que um encantado deve se apresentar entre os homens, como deve aparecer por esse mundo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 203), aludindo a uma encantada do jarê como enunciadora. “Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossava de sua carne seu nome era Santa Rita Pescadeira” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 203). Assim, a narradora denomina-se por meio da terceira pessoa. Esta locutora demarca-se da página 203 até a página 262, narrando como a gente da Fazenda Água Negra lidou com o temor de perder a terra em que vivia e a vontade de suplantar injustiças, principalmente destacando as atuações das irmãs Bibiana e Belonísia na condução de um processo de conscientização da condição social a qual estavam submetidos

As marcas de presença e/ou não presença de pessoa, próprias do estudo da enunciação, serão exploradas no próximo item.

Análises dos textos

Enunciado 1

Minha mãe ameaçou chamar compadre Saturnino para levar as duas dali, “e aí não tem remédio, acaba o tratamento e não vou querer você de volta, Crispina”. Nos braços de minha mãe mesmo, Crispina, agitada,

chorou repousando a cabeça nos seus seios. Salustiana Nicolau ordenou que Crispiniana saísse com nós duas e que as deixássemos a sós por um tempo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 37).

A protagonista Bibiana narra a passagem em que uma família vizinha recorre aos dons do pai para dar conta de uma crise na jovem Crispina.

A pessoa demarcada expressa-se por meio de pronome possessivo, “minha mãe”, multiplicando-se ao delegar a voz e transformando-se a partir de citação presente por meio do texto entre aspas. A pessoa multiplicada se dá quando a narradora, já debreada, instala em debreagem de segundo grau a actante do discurso “minha mãe”. O eu inicial delega a voz ao eu da mãe. A pessoa transformada pode ser analisada pelo discurso utilizado – neste caso, o discurso direto. Conforme José Luiz Fiorin (2016), “as aspas ou os dois pontos e travessão marcam a fronteira entre as duas situações distintas” (p. 63). O autor aponta que esse recurso confere efeito de sentido de realidade ao permitir que a própria personagem assuma a palavra, “dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor” (FIORIN, 2016, p. 65). O vocativo endereçado à Crispina dá conta de uma “relação viva e imediata” de que fala Benveniste (1989, p. 86).

Enunciado 2

Enquanto isso, enfiei as achas de madeira no fogão velho quase imprestável. Como acender aquele fogo? (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 112).

Belonísia relata as primeiras tarefas ao assumir a casa de Tobias como sua esposa, encontrando dificuldades em lidar com o modo rústico de vida dele.

Esse trecho apresenta um efeito de proximidade provocado pelo enunciatário por meio de uma pergunta endereçada ao enunciado, já

que a interrogação suscita uma resposta, “por um processo linguístico que é, ao mesmo tempo, um processo de comportamento com dupla entrada” (BENVENISTE, 1989, p. 86). A presença de subjetividade também ocorre porque a frase interrogativa dá a sensação de que o narrador está conversando pessoalmente com o interlocutor/leitor.

Enunciado 3

Meu pai retirou o chapéu, o calor fazia minar de seu corpo um suor grosso que lhe lavava o rosto, escorrendo pela frente e pelas têmporas. Escorria pelo lado anterior de seus braços, formando grandes manchas em sua camisa surrada. O barro cobria sua calça, sua enxada, seus braços, o chapéu largo em suas mãos. Eu atirava milho e restos de comida para as galinhas. “Pedir morada é quando você não sabe para onde ir, porque não tem trabalho de onde vem. Não tem de onde tirar o sustento”, apertou os olhos, olhando para a cova diante de seus pés, “aí você pergunta pra quem tem e quem precisa de gente para trabalho: ‘Moço, o senhor me dá morada?’” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 185).

Belonísia recorda episódio em que Zezé, seu irmão, questiona o pai sobre a condição da família morar “de favor” na terra na qual trabalha “desde sempre”.

No final desse trecho há um caso de debreagem interna de terceiro grau, em que a narradora, debreada em primeiro grau, delega a voz ao pai, que, por sua vez, abre uma nova instância enunciativa. Este cria um novo eu ao se projetar reproduzindo a oralidade da própria enunciação. O recurso provoca um efeito de realidade, diante da sensação de que o próprio personagem toma voz no enunciado, além de carregar o efeito de proximidade por conta de traços de fala presentes na última frase, de modo a se colocar informalmente perante o interlocutor. Também podemos observar um mecanismo de embreagem no trecho “aí, você pergunta”, que analisaremos com maior atenção no Enunciado 6.

Enunciado 4

As notícias que nos chegavam eram de que a fazenda havia sido vendida a um preço minguado, porque nossa presença a havia desvalorizado. O novo dono fazia uma movimentação contrária à nossa morada, talvez porque soubesse que, pelo tempo que tínhamos ali, a justiça nos reservava algum direito. (VIEIRA JUNIOR, 2019, 196)

A narradora Belonísia mostra a apreensão da família diante da mudança de proprietários das terras em que viviam, sobretudo por rumores de que o novo senhorio poderia tomar medidas prejudiciais para preservar a posse do local.

Ao tratar da pessoa desdobrada, Fiorin (2016) aponta diversos autores para esmiuçar o ponto de vista sob três aspectos: delegação de “voz”, organização do saber e relação entre papéis de discurso e de narrativa. Dentre esses aspectos, o desdobramento da pessoa resulta na compreensão sobre a classificação dos narradores “em narrador onisciente ou não onisciente, entre difusão (onisciência seletiva) ou concentração do saber.” (FIORIN, 2016, p. 91).

*O trecho anterior mostra uma narradora em sincretismo com os actantes narrativos*⁸. Em seguida, Fiorin indica de que formas o narrador apreende o que se passa, sendo ou observador com focalização parcial ou com focalização total. Bibiana, nesse caso, mostra-se uma narradora instalada como tal no enunciado e com focalização externa, visto que narra as ações das personagens, sem tratar de seus pensamentos ou sentimentos, o que é evidenciado quando conjectura sobre possíveis motivações do dono da fazenda por meio do advérbio “talvez”.

⁸ “narradores que exercem o papel de ‘personagens principais ou secundárias’ na narrativa ou são observadores explícitos” (FIORIN, 2016, p. 91).

Enunciado 5

Os rios foram ficando sujos e rasos. Sem abastança de água para pescar já não tinham porque pedir nada a Santa Rita Pescadeira. Ah, chegou a luz elétrica, e quem pôde comprou sua geladeira. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 205)

A narradora Santa Rita Pescadeira assume-se na locução, e o faz em terceira pessoa, pelo mecanismo da embreagem. Nesse caso, o sujeito neutraliza-se ao adotar a não pessoa, em autorreferência. Como explica Flores (2019, p. 163), “o ‘ele’ pertence à sintaxe da língua [...]; o ‘eu’ e o ‘tu’ pertencem à instância do discurso”. Também o “monólogo” como diálogo interior consta na passagem por meio da interjeição “Ah”, que remete ao falar do locutor a um eu ouvinte. Trata-se de uma revelação ao interlocutor em forma de “figurações ou a transposições psicodramáticas: conflitos do ‘eu [moi] profundo’ e da ‘consciência’, desdobramentos provocados pela ‘inspiração’, etc”, conforme explica Benveniste (1989, p. 88).

A pessoa subvertida é evidenciada quando a terceira pessoa é empregada com o valor de primeira pessoa do singular. “Quando se faz esta embreagem é como se o enunciador se esvaziasse de toda e qualquer subjetividade e se apresentasse apenas como papel social”, explica Florin (2016, p. 76). Nesse sentido, Roland Barthes coloca que este tipo de enunciação pode ser tomada de várias maneiras, “e aí o leitor é o senhor” (BARTHES apud FIORIN, 2016, p. 76). Barthes fala sobre uma possível ênfase de importância ou “como uma espécie de mortificação: dizer ‘ele’ falando de alguém, é torná-lo ausente, mortificá-lo, torná-lo um tanto quanto morto” (BARTHES apud FIORIN, 2016, p. 76).

Enunciado 6

Mãe Salu dizia desde sempre que seu cabelo já tinha muitos fios brancos aos dezoito anos. Deixou de alisá-lo a ferro e o guardou sob os lenços que a maioria das mulheres camponesas usava. Você olha para si mesma no espelho que se apoia no chão contra a parede — porque o barro que a reveste não segura muita coisa — enquanto coloca os grampos que tira da boca e rumina sobre o quanto seu cabelo também lhe parece branco. É de família. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 241)

Nesse texto, a narradora Santa Rita Pescadeira projeta uma reflexão de Bibiana ao se comparar com a mãe, trazendo uma marca de aproximação com o interlocutor ao ampliar o próprio papel enunciativo. Mesmo descrevendo uma ação que seria própria, o outro é suscitado por meio do pronome “você”, inserido pela locutora no protagonismo do próprio ato discursivo. O pronome “você” pode estar substituindo a não pessoa ele, mas com efeito de equivaler à primeira pessoa.

A narradora busca a identificação com o destinatário a partir de uma estratégia de embreagem, quando o locutor fala de si próprio em terceira pessoa. Aplicando-se o conceito de pessoa subvertida, em que a personagem – sempre por intermédio da narradora – dirige-se a si mesma, “há um processo de desdobramento fictício do enunciadador, que se constitui num outro, para ser alvo de suas apreciações, confidências, etc” (FIORIN, 2016, p. 82). Nesse ponto, José Luiz Fiorin chama a atenção de que o pronome você não representa embreagem por fazer perder a memória do significado primeiro e ocupar o lugar do tu, de segunda pessoa.

Enunciado 7

Pouco antes de você se calar para sempre, sua mãe chegou da roça e encontrou um prato de cuscuz pronto. Espantou-se, ao mesmo tempo que perguntava quem o havia trazido. Ninguém. “Quem fez esse cuscuz?” “Eu que fiz.” “Mas você poderia se queimar.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 245)

A locutora demarca-se como pessoa e dirige-se nominalmente à interlocutora por meio do pronome de segunda pessoa. Santa Rita Pescadeira recorda Belonísia – tratando-a por você – do acidente que lhe tolheu a língua na infância, deixando-a muda, e suscita um evento ainda anterior por meio da demarcação de um diálogo com a mãe. Desse modo, delega a voz, em debreagem de segundo grau, tanto para a mãe, que pergunta “Quem fez esse cuscuz?”, quanto para Belonísia, que responde “Eu que fiz”.

Considerações finais

No presente trabalho procuramos analisar as marcas da enunciação em um gênero textual narrativo que tem como característica causar efeitos de proximidade e de subjetividade, de modo a engajar o alocutário. Para tanto, nos propomos a identificar, na obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, mecanismos presentes na relação entre o enunciador e o enunciatário, formação de instâncias enunciativas e efeitos causados nestes processos.

As análises feitas mostram a instalação do eu/tu nos textos, realizando efeitos de sentido que ampliam a proximidade entre os interlocutores, já que uma proximidade fundamental acontece com a subjetividade inerente à focalização em primeira pessoa.

A compreensão de operações de embreagem e debreagem nos textos deu-se na percepção de efeitos de realidade quando as narradoras delegam a voz e realizam a presença de quem enuncia empregando o discurso direto. Encontramos características típicas da oralidade, que também aproximam o leitor ao sugerir informalidade. À guisa de uma modesta crítica, podemos considerar que o texto não busca com maior ênfase a proximidade com a oralidade da língua, apesar do cenário de ambiente rural e de escassez de educação for-

mal e sociocultural, que seria um recurso linguístico diretamente relacionado à subjetividade.

Outro resultado apreciado foi a aplicação de conceitos que classificam o sujeito enunciado, permitindo a compreensão sobre os mais variados procedimentos para se dizer algo.

A análise de sete enunciados retirados da obra mostrou a demarcação da pessoa por diversas maneiras, imprimindo maior ou menor subjetividade e efeitos de realidade e/ou proximidade com o interlocutor. A subjetividade aparece quando o narrador suscita respostas a perguntas “deixadas no ar” ou se esvazia com a autorreferência em terceira pessoa. Os efeitos de realidade são conferidos mediante traços de oralidade presentes no texto escrito

Verificou-se como os narradores instalam-se como locutores e repercutem o enunciado junto aos interlocutores, bem como delegam a voz a eles, formando instâncias enunciativas. Também a classificação dos sujeitos pôde ser realizada conforme o manejo dos discursos, a focalização parcial ou total utilizada segundo o tipo de narrador e a utilização de recursos como aspas e dois pontos.

Muitas outras considerações sobre a enunciação poderiam ter sido verificadas, porém buscou-se delimitar as análises basicamente em torno da noção de pessoa, não sem antes indicar que resta aberta a possibilidade de avançarmos na investigação de outras possibilidades dos instigantes estudos da enunciação nesta obra e em outras.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da enunciação. In: *Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 145-1676.

LIMA, Paulo da Silva. *Marcas da enunciação no gênero notícia*. Linguagem em foco, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 77-88, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 04/01/2023

Aprovado em: 30/06/2023